Japão

Isolado do mundo por séculos, o país sofreu com bombas atômicas em 1945 e com um dos mais graves acidentes nucleares da história em 2011

ARQUIVO NACIONAL DO REINO UNIDO

AP

História

O Japão, conhecido como "terra do sol nascente", manteve-se durante séculos relativamente isolado do exterior. No século IV da Era Cristã, o clã Yamato unifica os vários estados do país sob um único imperador. Do século XII ao XIX, o Japão vive o feudalismo e é governado por xóguns, líderes de uma aristocracia militar originada de guerreiros camponeses (os samurais), que eliminam o poder da monarquia e do imperador. A partir de 1603, o xogunato proíbe o cristianismo, fecha o país à entrada de estrangeiros e não permite o contato com eles, medidas que são mantidas por 250 anos.

Na segunda metade do século XIX, o Japão abre os portos ao comércio externo. Em 1868, começa a **ERA MEIJI**: o imperador Mutsuhito abole o feudalismo e o poder dos xóguns. As trocas comerciais e culturais com o Ocidente crescem. Nos anos 1920, a crise econômica abre caminho para o crescimento político do nacionalismo de direita. O Japão começa uma expansão militar – invade territórios na Coreia e na China.

Em 1940, o Japão alia-se à Alemanha e à Itália na II Guerra Mundial e, em dezembro de 1941, ataca e destrói a esquadra norte-americana ancorada em Pearl Harbour, no Havaí. Derrotado, o país é obrigado a sair das áreas que ocupara e fica anos sob a intervenção dos Estados Unidos.

Bomba atômica

A rendição do Japão na II Guerra acontece após **A EXPLOSÃO DA BOMBA ATÔMICA EM HIROSHIMA**, em 6 de agosto de 1945, e de outra em Nagasaki, três dias depois. A força destruidora da explosão varria do mapa Hiroshima e quase 100 mil dos seus habitantes: foi assim que o mundo assistiu ao início da era atômica.

O Japão é o único país vitimado pela bomba atômica. No total, mais de 180 mil pessoas morreram. O calor incinerou seres humanos, animais e edifícios. No epicentro da explosão, a maioria das construções desapareceu. A onda de choque provocou ventos fortíssimos, que ampliaram a devastação. As terríveis consequências das bombas ainda se fazem sentir seis décadas depois, pois os efeitos da radiação causaram um aumento nos casos de leucemia, câncer, catarata e microcefalia da população exposta à explosão. As duas cidades japonesas tornaram-se sede de movimentos que lutam para que nunca mais essas bombas sejam usadas.

Os norte-americanos ocuparam o Japão até 1952 e impuseram uma Constituição e um sistema de governo baseados nos moldes das democracias ocidentais. O Japão assinou, em 1954, um tratado de defesa mútua com os EUA, que incluiu a instalação de bases militares norte-americanas em seu território.

Economia

As florestas ainda cobrem a maior parte do território japonês. A explicação para isso é que o território é muito montanhoso, pouco adequado à agricultura e existe manejo florestal (corte limitado de árvores) há séculos. A soma das quatro ilhas principais e das inúmeras ilhas menores resulta em um litoral extenso, o que está na origem do desenvolvimento de uma das maiores frotas pesqueiras do planeta. A atividade industrial é a base da economia. A nação abriga a metrópole mais populosa do globo: na região metropolitana de Tóquio, a capital do país, vivem mais de 36 milhões de pessoas.

No início dos anos 1990, começou uma grande crise econômica. Os preços desabaram e o setor bancário sofreu enormes prejuízos. Após um período de recuperação, o colapso da economia global em 2008 atinge fortemente o Japão, que depende muito de suas exportações. Em 2011, o país perdeu o posto de a segunda maior economia mundial para a China.

A situação se agravou com o tsunami e o acidente nuclear ocorridos em março de 2011. Para reconstruir as áreas atingidas, o governo liberou 230 bilhões de dólares, agravando a dívida pública. Mas o processo de reconstrução desempenha papel importante na reativação da economia japonesa, que cresceu 1,5% no terceiro trimestre de 2011.

JAPÃO	
Capital	Tóquio
Língua oficial	Japonês
Religião predominante	Budismo
População (2011)	126,5 milhões
PIB US$ (2010)	5,5 trilhões
IDH (2011)	0,901

Fonte: ALMANAQUE ABRIL 2012

YASUYOSHI CHIBA/AFP

Tsunami e acidente nuclear

Um terremoto de 8,9 pontos na escala Richter, seguido de um **TSUNAMI** (maremoto), em março de 2011, provocou a pior tragédia no Japão desde a II Guerra Mundial. O sismo liberou uma quantidade de energia equivalente a 27 mil bombas atômicas iguais às que arrasaram Hiroshima. Apesar do sistema de alerta contra tremores, houve mais de 23 mil vítimas, entre mortos e desaparecidos. Os prejuízos materiais superaram 300 bilhões de dólares – é o desastre natural mais prejudicial de todos os tempos.

Para piorar, as ondas gigantes atingiram os reatores da usina nuclear de Fukushima, provocando um dos mais sérios acidentes radioativos da história. O sistema de resfriamento da usina entrou em colapso, os reatores superaqueceram e vazou material radioativo para a atmosfera e para o lençol freático. A área num raio de 20 quilômetros da usina foi evacuada e está deserta – cerca de 80 mil pessoas foram deslocadas.

O acidente teve impacto mundial, pois fez com que vários países reavaliassem seu plano de construção de novas usinas. A Alemanha anunciou que fechará os seus 17 reatores até 2022. O Japão é a terceira nação com mais usinas nucleares, pois é pobre em fontes de energia. Com 55 reatores, só fica atrás dos Estados Unidos (104) e da França (59).

Imigrantes e dekasseguis

O processo de industrialização, no começo da Era Meiji (iniciada em 1868), fez com que muitos japoneses abandonassem o campo em busca de emprego nas cidades, que não tinham condições para absorver tanta gente. Grande número decidiu emigrar, e os Estados Unidos eram o destino mais procurado.

Na época, o Brasil enfrentava escassez de mão de obra em consequência da abolição da escravatura, e a solução foi atrair imigrantes da Europa e de outras partes do mundo.

Os primeiros 781 japoneses chegaram ao Brasil em 18 de junho de 1908, quando o navio Kasato Maru atracou no Porto de Santos (SP). Vinham trabalhar nos cafezais do interior. Até a II Guerra, cerca de 190 mil japoneses entraram no Brasil. Do fim da guerra até a década de 1960, foram mais 50 mil.

Nos anos 1980, o movimento se inverteu, e descendentes de japoneses passaram a buscar melhores condições de vida no Japão. São os dekasseguis (os que trabalham fora de casa). A quantidade de brasileiros no Japão só diminuiu após a crise econômica de 2008, que causou demissões em massa nas fábricas japonesas. O número caiu de 312 mil para 267 mil brasileiros entre 2008 e 2009, no auge da crise. Os acidentes de 2011 acentuaram o retorno dos dekasseguis.

Akira Kurosawa

O mais consagrado diretor de cinema japonês, Akira Kurosawa, nasceu em 1910 e queria, na verdade, ser pintor. A falta de dinheiro atrapalhou a concretização desse projeto, mas acabou por levá-lo ao cinema.

Kurosawa começa a trabalhar como assistente de direção em 1936 e, durante a II Guerra Mundial, dirige seus primeiros filmes. Seus longas trazem uma visão crítica sobre o Japão, que se opõe ao forte nacionalismo da época. Em sua primeira fita significativa, *Anjo Embriagado*, de 1948, Kurosawa explora o submundo, filmando a amizade de um médico alcoólatra com um gângster. Também filma obras de escritores ocidentais, como o romance *O Idiota*, de Dostoievski, e uma interpretação japonesa da peça *Rei Lear*, de Shakespeare.

Sua consagração mundial vem com o filme *Rashomon*, que conta a história de um estupro e assassinato por meio dos relatos divergentes de quatro testemunhas. A fita recebe um Oscar honorário de melhor filme estrangeiro e um Leão de Ouro no Festival de Veneza de 1951. Nas décadas seguintes, Kurosawa dirige filmes extraordinários, como *Dersu Uzala*, rodado na União Soviética e falado em russo. Ele morreu aos 88 anos, depois de complicações de um acidente que o obrigou a usar cadeira de rodas.